

## Hélio Oiticica

Neyrótica, 1973

slide show

46'54"

© César e Claudio Oiticica

---

*Uma noite sentei a Beleza sobre os meus joelhos. – E achei-a amarga. – E praguejei contra ela.*

*NEYRÓTIKA é o q é pleasurable.<sup>1</sup>*

Nas cartas trocadas entre Hélio Oiticica (1937-1980) e Kynaston McShine (1935-2018) sobre o projeto Information (MoMA, 1970), mostra paradigmática de arte conceitual, os textos e desenhos esclarecem as proposições que o artista pretendia construir. *Think Tropicália* [Pense Tropicália], dizia o final do telegrama enviado pelo curador. Oiticica, inicialmente, propôs um ambiente com a projeção de um vídeo e substitui pela continuação do que havia desenvolvido na cama-bólide e na Universidade de Sussex: um conjunto de 28 células distribuídas em três patamares chamado "Nests" ou "Ninhos". Em exílio autodeterminado, no mesmo ano mudou-se para um loft na Segunda Avenida, número 81. Neste espaço, Oiticica projetou subdivisões chamada de Babylonests, onde fotografou os seus "garotos de ouro". Esta proposição foi chamada de **Neyrótika**.

Neyrótika é uma não-narração. Não narração é não discurso. Não fotografia artística. Não audiovisual, na definição do próprio artista. Montados em abril e maio de 1973, em New York, são 80 slides com marcação de tempo e no áudio escuta-se linhas da poesia de Rimbaud mescladas ao rádio AM e poluição sonora. Planejado para ser apresentado na Exprojeção 73, Neyrótika foi desenvolvido para um projeto curatorial de Aracy Amaral, composto de uma série de apresentação de filmes e slides de artistas, exibido em um espaço independente de super8 em São Paulo. Muito embora esteja integrado ao catálogo da mostra, o trabalho não foi exibido.

A investigação do quase-cinema enquanto campo de investigação autônomo do cinema é fator fundamental para experimentarmos as facetas mais complexas deste trabalho: para além da pulsão homoerótica das imagens, emerge uma proposição radical de negação da narrativa, método de subversão frente ao que Oiticica chama de autoridade do cinema. Uma aproximação com a teoria *queer* possível não está apenas conectada ao erotismo subversivo das imagens deste trabalho, mas também à falta de categorias que propõe e ao desvio insubordinado às normas.

---

Hélio Oiticica antecipou preocupações coerentes: entendia o movimento *gay underground* de Nova York excessivamente relacionado ao mercado e à heteronorma. Em carta para Guy Brett em 1971, dois anos antes de *Neyrótika*, quando Oiticica desenvolveu uma análise afiada da cena queer no momento, criando relações e deixando claras suas posições e impressões em relação às diferenças da produção de Morrissey, Warhol (*comercialização gay underground (superficialmente): [...] toda park avenue pergunta: já viu trash: pensando serem hips: sentindo-se conivente com algo marginal: levar uma atividade marginal a um nível burguês*) ou Mario Montez e Jack Smith. Outros documentos confirmam que as reações das *live performances* de Jack Smith foram fundamentais para Hélio pensar a estrutura do quase-cinema por meio das imagens capturadas em slides. O quase-cinema, categoria acrescida de prefixo, aponta para uma nova linguagem<sup>2</sup>.

Após ter passado oito anos trabalhando com o cinema tradicional, a partir da década de 1970 Jack Smith começou a incorporar performances a seus filmes, a objetivando a desconstrução do dispositivo cinema por meio de slides, além do uso de multiprojeções, o que antecipou o que Gene Youngblood denominaria ainda em 1970 de *Expanded Cinema*. Nas performances, projetava nas paredes de seu apartamento recombinações de imagens de slides e de seus filmes misturados, e muitas vezes editava as películas ao vivo usando fitas adesivas (antecipando também o Live Cinema). Ao mesmo tempo, construía sons com vinis e fazia uma ação teatral ao vivo. Não havia roteiros, tudo se passava de maneira espontânea, casual.

Com exceção de *Agrippina é Roma-Manhattan*, que é filme super-8 não-linear formado por blocos-cinema, os quase-cinemas constroem ambientações de imagens não-narrativas e sons montados casualmente para performance do público, através da multiprojeção de slides, uma radicalização dos conceitos da Arte Ambiental.

<sup>1</sup> Documento arquivado no Projeto Hélio Oiticica, tomo 0480/73

<sup>2</sup> Sobre esta nova linguagem e a possível articulação entre o pensamento do educador brasileiro Paulo Freire e o poeta Augusto de Campos, ver Small, Irene V. “Toward a Deliterate Cinema: Hélio Oiticica and Neville D’Almeida’s Block-Experiences in Cosmococa—Program In Progress.” Em *On Performativity*. Walker Art Center, 2014.